

# SHALOM

*Rebentos de PAZ*



*Carta do Casante Pe. Massimiliano Parrella  
À Família Calabriana*

*Verona, 26 de Novembro de 2023*



*« Estamos num momento difícil, em que o mundo  
precisa urgentemente de paz e salvação  
que só pode vir de cima.*

*Cabe a nós, portanto, apressar a hora  
da misericórdia divina com a santidade da vida.*

*Isto é o que a nossa Obra quer fazer,  
e todos os Pobres Servos, convencidos como estamos  
que só a santidade pode levar os homens a Deus,  
especialmente no próximo Ano Santos»*

*São João Calábria  
ao Cardeal Clemente Micara,  
16 de dezembro de 1949*



*Meus queridos irmãos, irmãs e amigos  
da Família Calabriana, Shalom!*

Desejo intensamente e com muita força dizer-vos isto!  
Desejo, ainda e verdadeiramente poder ouvir, esta  
saudação dos lábios de Jesus ecom seu tom de voz.

***Shalom!***

Aquela palavra, aqueles lábios, aquele rosto.  
Tambem hoje, agora, ressoam estas palavras e ainda  
agora ouvindo esta saudação podemos olhar para o seu  
rosto e tudo muda: Ele entra no cenáculo com o corpo  
marcado pelas feridas de uma violência sofrida, aceita,  
acolhida e ainda assim diz:

***Shalom!***

Ele, o Evangelho vivo, para o qual o nosso São João  
Calábria nos convidou e nos convida a olhar, a ser como  
ele: Evangelhos Vivos.

***Shalom!***

Nestes dias temos notícias de guerras que nos deixam  
transtornados porque estão próximas: Gaza, Ucrânia!  
Não esqueçamos aquelas esquecidas porque estão longe  
de nós: Sudão do Sul, Iémen, Síria, Etiópia...

A guerra é algo trágico!

Poderia Jesus ter escolhido, onde os discípulos estavam  
escondidos, e dizer algo diferente de Shalom?

Aqueles que entram em guerra esquecem a humanidade, não vêm do povo, não olham para a vida concreta das pessoas, mas apenas colocam os seus próprios interesses e o poder em primeiro lugar.

Que motivos nos fazem levar a guerra?

Os interesses pessoais, os interesses do poder, mas na verdade o que existe, e uma ideia errada da nossa identidade.

Quem confia na lógica perversa das armas esquece ou não sabe que Deus é Pai, que se distancia dos seus semelhantes e que não os vê como irmãos.

Jesus acolhe e assume a violência, ele procura radicalmente a paz, em cada conflito recusa as armas. Ele, filho de Deus Pai, é um pacificador: não gera a guerra ou usa da violência para se fazer compreender, para afirmar as suas razões ou para fazer compreender aos seus discípulos o que realmente tinha acontecido três dias antes.

***Shalom!***

## 1. A PAZ É COMUNHÃO

O termo hebraico ***Shalom***, que passou a ser ***eirene*** em grego (e depois ***pax*** em latim), é traduzido nas línguas modernas com a palavra “paz” que significa ausência de guerra, dificuldades, conflitos; portanto, tem um caráter negativo.

Nas línguas antigas, porém, o conceito de paz, além deste significado, carrega muitas vezes um significado positivo: indica uma união, uma aliança (*foedera pacis*).

Na antiga linguagem cristã, o termo paz é muitas vezes usado para indicar sociedade, vínculo de união:

«*os heréticos não são acolhidos na paz e na comunhão das igrejas derivadas dos apóstolos*». (Tertuliano, século III d.C.)

Santo Agostinho, numa carta a São Jerônimo escreve “*eis que veio ter comigo um jovem piedoso, irmão na paz católica*”.

Nas primeiras inscrições nos tumulos cristãos, a fórmula “*em paz*” serve até como critério para julgar a natureza cristã de um sepultamento: mesmo dentro da mesma família era possível encontrar túmulos com inscrições e símbolos cristãos e outros não.

A fórmula “*depositus in pace*” só é plenamente compreensível se considerarmos que aqui a paz não significa tranquilidade, ausência de tribulações, mas antes uma comunidade, a Comunhão dos Santos (a Igreja).

Em outra fórmula muito comum, *koinonia kai eirene* (em latim *pax et communio*) não são coisas distintas, mas uma única realidade expressa por duas palavras sinônimas. Esta hendíadis é ainda hoje utilizada no discurso das solenes encíclicas pontifícias, com as quais o Papa quer dirigir-se aos arcebispos, bispos «*pacem et communionem cum Apostolica Sede habentibus*».

Portanto, são duas palavras unidas numa figura retórica em que um conceito se expressa com dois termos

coordenados, duas palavras, uma das quais seria o complemento da outra.

Outro exemplo pode-se encontrar na hendíadis ***symphonia kai eirene*** em que o conceito de paz se combina mais uma vez com o de comunhão: Santo Atanásio, bispo de Alexandria no Egito, afirma que esta «*symphonia kai eirene*» une a quatrocentos Bispos.

O Papa Júlio assegura a Atanásio, depois do Sínodo de 340, que goza de "***koinonia kai agape***" (***comunhão e caridade***), isto é, comunhão eclesíastica.

Neste caso, "ágape" não é apenas amor fraternal, mas ***vínculo de comunhão***.

Portanto, a história é para nós um testemunho de que a comunhão nasce da Paz: concreta, verdadeira, procurada e vivida no seu próprio contexto. Não há comunhão sem paz!

## 2. A PAZ È UM DOM DA TRINDADE

Gostaria de compartilhar com vocês uma reflexão sobre um dom importante que Jesus infundiu por meio do Espírito Santo, trazendo-nos a essência do Pai: a Paz.

Esta paz existe, Ele nos doou concretamente no momento em que a lança do soldado perfurou Seu torax e a confirmou como estilo e escolha de relacionamento no cenáculo. Assim a Trindade se fez justiça.

Esta é a paz que desejamos tanto para o nosso mundo.

Depois 60 anos da publicação da encíclica “*Pacem in Terris*” do Papa João XXIII, abre-se um espaço para uma reflexão profunda sobre a paz e a comunhão no contexto atual. Este importante documento, publicado em 1963, revelou-se profético nos seus ensinamentos sobre os desafios da paz, dos direitos humanos e da justiça social. Hoje contextualizamos a mensagem considerando o mundo em que vivemos: é fundamental, para sermos servos da Divina Providência, por um lado continuar a meditar sobre estes temas, e por outro encontrar formas concretas de aplicá-los! Peço-vos que busquem material e apliquem os princípios da “*Pacem in Terris*” à realidade contemporânea como Evangelhos Vivos.

Para ser Família Calabriana, nascida do coração da Providência – portadora de paz no contexto da justiça do Pai, é necessário um duplo compromisso: interno e coerente. É necessário ter consciência de que tudo nos é dado e por isso tudo está a nossa disposição e gestão. É necessário um estilo como o de Jesus: agir em comunhão-união com o Pai.

Jesus, por meio de São João Calábria, guia-nos à escolha de ser homens e mulheres de paz e esta decisão de fazer a paz começa no coração de cada um de nós, como aconteceu no coração trespassado de Jesus.

Para estarmos em paz devemos buscar a paz interior, uma paz que surge da nossa relação íntima com Deus, da nossa consciência de sermos filhos desse Pai. Fazer a paz surge do nosso compromisso de viver segundo os

princípios da justiça e do amor derramados pelo Pai através de Jesus como sua Providência para o mundo.

A escolha de fazer-se sentir através da Paz (tanto o Pai como o Filho poderiam ter decidido de outra forma) nasce da coerência de Deus consigo mesmo, como Pai, e nasce da coerência de Jesus consigo mesmo, como Filho.

Desta relação e conhecimento e coerência consigo mesmos nasce a comunhão entre Eles que se revela a nós irmãos e irmãs de Jesus e, portanto, filhos do Pai através do Espírito Santo.

Escolher a paz como justiça divina feita pelo Pai e escolher a paz como justiça humana feita por Jesus permite-nos comungar com Eles, nEles. A comunhão com Eles envolve-nos e abrange-nos através do Espírito Santo, esta união comum é tal que é um corpo espiritual e físico com Jesus e em Jesus: a Igreja.

### **3. A PAZ É *HABITUS* DO CRISTÃO**

Qué atitude poderíamos ter, portanto, como Família Calabriana?

O nosso São João Calábria disse-nos, numa carta de setembro de 1942: *«Recomendo-vos muito a caridade; os Pobres Servos devem pôr em prática a grande palavra de Jesus: “Ut unum sint”. Sejamos uma coisa so, entre vós e com os vossos Superiores. Ajudem-se mutuamente, tenham compaixão uns dos outros, tenham boas maneiras, prestem uns aos outros serviços mútuos; carreguem os fardos uns dos outros: “omnia vestra in caritate*

*fiant". E procurem afastar tudo que poderia perturbar a caridade, a união e a paz entre irmãos; Não deixem que caia o por do sol sobre a vossa raiva, retorne entre vocês a paz que brevemente foi perturbada e façam isso conscientemente».*

Às vezes acontece que nós definimos a Família Calabriana, a Obra que nos foi doada, uniformizados, como um Bispo no seu papel oficial com a mitra, o báculo, ou imaginamos a Família Calabriana com a Bíblia na mão, ou ainda com uma vela na mão, outras vezes a descrevemos como dinâmica, técnica, exata, administrativa. Somos tudo isso e muito mais, mas como o somos?

Passéi em todas as vossas casas e a imagem mais bonita, eu diria, a mais condizente, como falamos em linguagem bíblica e, encarnamos o Evangelho, é a **Obra de Avental**.

O Evangelho de João diz: *Jesus entao levantou-se da mesa, tirou seu manto, colocou um avental e começou a lavar os pés.* (ver João 13:1-20). Jesus, Ele que é a Divina Providência, mostra-nos o estilo: coloca un avental!

Todos nós, irmãos e irmãs, dependendo da forma como lidamos com a Obra que nos foi doada, temos paramentos "sagrados" - roupas, temos também "as nossas sacristias", pois, por favor, deixem entrar em vossos guardaroupas, em vossos lugares o único objeto que teria o direito de entrar ali: **o avental**.

Usem vossas roupas de trabalho, mobilhem os vossos espaços técnicos e vivam a vida, depois levantem-se, tirem suas roupas especiais, vistam o avental e comecem a servir.

Entendam que a paz começa aqui: a ética do rosto de Jesus - Evangelho Vivo.

Estou convencido, de que se nos abirmos à dimensão de Deus Pai, partindo do rosto humano de Jesus, poderemos com Ele e nEle sermos homens e mulheres de paz.

Acredito que se, seguindo os passos de um grande homem de paz, padre Tonino Bello, poderíamos mudar alguns versículos da Bíblia que dizem:

*«Deixa-me ver a Tua face Senhor, o Teu rosto, a Tua face, Senhor, eu procuro! (ver Sal 27) e dizer “teu rosto, irmão, eu procuro, mostre-me o teu rosto”*, então teremos encontrado não só as raízes, mas também as árvores, os galhos, as folhagens, as flores, os frutos da não-violência e da paz, da comunhão.

Porque a paz nasce ao colocarmos aquele avental e da coragem de nos lavar os pés uns aos outros e, portanto, entrar em comunhão.

Na carta citada anteriormente, São João Calábria nos recomenda muito a caridade, convidando-nos, como seus filhos, a agir concretamente nos nossos espaços e em nosso tempo Jesus como exemplo de comunhão uns com os outros.

### **Que o nosso distintivo seja a Caridade!**

*“Queridos jovens, vos recomendo muito e muito a caridade, esta veste, este distintivo do cristão. Nos nossos dias esta virtude e muito, mas muito necessaria, portanto do céu e na terra, nosso Senhor Jesus Cristo, quer que arda em todos os nssos corações.”*

(S. J. Calábria, Festa do Sagrado Coração de Jesus, *sem data*)

A paz que temos de procurar e de torna-la opção absoluta nas nossas relações não é, portanto, algo externo, nem um casaco para vestir, nem uma posição para assumir, mas um verdadeiro *habitus mentis*, devido ao estilo de comunhão da caridade de Cristo assumida por quem se chama cristão.

#### 4. A PAZ È CELEBRAÇÃO DA VIDA

A primeira coisa que devmos manifestar dentro das nossas comunidades é servir nossos irmãos e irmãs, e nos deixar servir por eles.

Gastar-se para os pobres é bom. Mas é melhor trabalhar como Obra lavando os pés daqueles que estão excluídos de todos os sistemas de segurança e que são marginalizados de todos os banquetes da vida.

#### **Quem são essas pessoas marginalizadas, hoje?**

Antes dos migrantes, dos deficientes, dos refugiados, dos oprimidos, daqueles que normalmente ficam fora do cenáculo mundano, antes ainda estão os familiares: aqueles que partilham connosco a casa, a mesa, o templo, o trabalho.

Somente quando temos secado os tornozelos dos nossos irmãos é que as nossas mãos poderão fazer milagres nas panturrilhas dos demais sem arranhá-las. Mais difícil ainda, nossos pés poderão mover-se em

busca dos últimos sem se cansar, somente quando forem lavados por uma mão amiga e fraterna.

Devemos recuperar do lava-pés o **valor da reciprocidade**, que é o ensinamento mais forte escondido naquele gesto de Jesus.

Mas somos chamados a dar mais um passo.

*"Uns aos outros..."*

Com aquele convite do Evangelho e de São João Calábria, somos chamados a perceber que no gesto de tirar o manto e vestir o avental há um forte convite a "perder a vida"! O que isso significa?

Significa tornar-se aquele grão de trigo que cai na terra e apodrece, morrendo para si mesmo, porque só assim desabrochará vida nova na espiga: um novo amanhecer, um amanhecer de Paz que marcará não só o fim dos conflitos, mas o **início de novos relacionamentos**, de novas amizades, de novos intercambios e será restabelecida essa Aliança com o Criador e com a Criação.

Aqui celebramos a verdadeira Eucaristia: não a dos ritos, mas a da **audácia evangélica**, que não se declara aos opressores, mas que se torna bacia, toalha, avental... que se torna caridade!

Como nós vamos conseguir fazer, o achamos recuperando o diálogo interior, íntimo, como fez o nosso santo fundador, com Jesus.

Ele nos conhece melhor do que nós mesmos e se entregarmos a Ele a nossa “cabeça”, o reconhecemos como chefe da nossa vida, nossos corpos serão educados e conduzidos com amor infinito rumo a nossa individualidade chamados sermos filhos, irmãos e irmãs missionários.

Muitas vezes também nós somos apegados a uma fé morna, confortável, ao ponto de ser mole, fraca, vazia, com o **risco de esvaziar até o momento culminante, e de reduzir a Eucaristia a um momento de conforto e satisfação.**

“*Fazem isto em memória de mim*” significa ser para Cristo, com Cristo, em Cristo, receber o seu corpo e ser verdadeiramente, neste tempo e nestes espaços, o seu corpo. Só assim se cumpre o pedido que Ele nos faz de lembrarmos: em sermos agora em comunhão com Ele e com os outros.

Assim, poderemos nos reconciliar e trazer para Ele, Nele, com Ele os tempos e os espaços, as relações, as atividades que administramos, as casas que habitamos e, por fim, a nossa vida.

Desta forma, **a Eucaristia torna-se uma força intensa que muda o mundo**, que dá o desejo do novo.

Este é o nosso novo: as espaços marginalizadores do coração humano e do mundo. O Senhor nos chama aí, com uma nova audácia, com uma nova coragem. A Eucaristia deveria levar-nos onde as pessoas sofrem, aproximando-nos com lógicas diferentes do mundo.

*“A missa deveria nos levar para fora. Em vez de dizer que a missa acabou, vão em paz, deveríamos poder dizer que a paz acabou, vão à missa. Porque se vocês vão à missa a sua paz acabou”* (padre Tonino Bello).

**Acaba a paz como costume mundano e inicia a paz de Jesus.**

## **5. A PAZ É UM CAMINHO EM DIREÇÃO AOS OUTROS**

João XXIII recorda-nos que a paz é um dom divino e que devemos buscá-la com humildade e oração. Ele escreve: *“O mundo está cheio de sofrimento. Num mundo tão marcado por tantos males, cada um de nós sente-se convidado a procurar a paz com humildade e confiança, com oração e sacrifício”*. (Encíclica *Pacem in Terris*)

Tudo isto recorda-nos que a busca da paz é uma missão espiritual e, no entanto, é concreta: **exige a nossa humildade diante de Deus e a nossa dedicação ao serviço dos outros.**

Uma coisa é compreender porque “acontece assim” e outra coisa é, perante uma injustiça evidente, manter-se internamente em paz e optar por adotar a paz, fazendo escolhas de paz. Saber distinguir entre o que é compreensivelmente lógico para o mundo e o que é certo para Deus e o que, portanto, escolhemos fazer como Família Calabriana junto com Jesus.

Na sua Encíclica “Fratelli Tutti” (ver N.101), o Papa Francisco exorta-nos a ver o próximo em cada pessoa, independentemente da sua origem, cultura, ética ou fé: **cada desconhecido abandonado ao longo da estrada pode tornar-se próximo se alguém parar para ajudá-lo.**

Esta perspectiva recorda-nos que a paz não pode ser alcançada se não nos importarmos com os outros e se não estivermos dispostos a estender a mão a quem tem necessidade. Sermos verdadeiros “irmãos” exige um compromisso ativo para combater a indiferença e a divisão: um mundo melhor não pode ser construído com divisão e ódio.

*“Meu Deus, a guerra continua. Eu nunca entendi como um cristão pode querer e patrocinar a guerra. A guerra é um grande flagelo que atingiu a humanidade com os tumultos, com os seus pecados. O cristão deve rezar sempre para que a paz reine, para que os homens raciocinem nas divergências e à luz da razão, iluminados ainda mais pela fé, decidam e resolverem o que é melhor para um povo cristão e leigo, mas guerra não, não, não! A tarefa do cristão na guerra é suportá-la e fazer tudo o que estiver ao seu alcance para aliviar toda a dor e miséria que este flagelo traz. Irmãos matando irmãos! Quem pode pensar e aprovar isso, sem renunciar de ser seguidor de Jesus Cristo?”*

(S. J. Calabria, DIÁRIO, 9 de junho de 1918)

## 6. AGENTES DE PAZ

*Bem-aventurados os agentes de paz, porque serão chamados filhos de Deus. (Mt 5.9)*

Ser agentes de paz não significa ter soluções pra tudo ou aplicar fórmulas que resolvam questões complexas muito além do alcance de qualquer homem e mulher de boa vontade. Mas significa antes ser criativos, colocar á disposição o pouco ou muito que temos e acolher as inspirações que o Espírito nos dá.

O que vos proponho agora é um simples acróstico da palavra paz, para cada letra uma palavra que explica e contém o seu significado profundo.

Se quiser, cada um também pode fazer o seu acróstico, integrando e substituindo as palavras por outras. No que me diz respeito, as quatro palavras que surgem da palavra paz e são também o seu conteúdo específico são as seguintes.

### **P como PERDÃO**

Leiamos juntos um trecho da carta aos Religiosos de 25 de março de 1945, escreveu nosso São João Calábria: *«Irmãos, Deus nos chama, nos chama continuamente. Quando vejo e ouço estas armas de guerra, semeadoras de massacres e de morte, parece-me ouvir a voz de Deus Criador a gritar-nos: Basta, basta, chega de pecados! Vida verdadeiramente cristã no sentido pleno da palavra!»*

*(...) Somos cristãos; vivamos, portanto, na caridade sincera, amemos uns aos outros. Somos filhos do mesmo Pai que está nos Céus, somos todos irmãos em Cristo que nos redimiu, somos todos uma família, a família de Deus. Então por que tanto ódio? O ódio é obra de Satanás, quem odeia torna-se instrumento de Satanás que quer a destruição do bem; o ódio é morte, o amor é vida, o ódio é tormento, o amor é alegria. Quão doloroso é ouvir decisões ameaçadoras de ódio e vingança entre os cristãos! Se medita, se deseja que libertem esse impulso irracional o dia depois do flagelo; não, não, pelo amor de Deus! Em vez disso, cultivemos intenções generosas de perdão e de paz; todos pecamos, todos devemos repetir com sinceridade aquela sublime oração que Cristo nos ensinou: "Pai nosso, que estás nos céus..., perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos a quem nos ofendeu". Que paz seria a nossa se quiséssemos profaná-la com a luta fratricida, com a vingança pessoal, com as represálias? Que cristianismo seria o nosso?"*

O que faz Jesus quando não é compreendido, não é seguido, abandonado, agredido, preso, despido, espancado, ofendido, torturado, julgado injustamente, condenado à morte, sepultado?

Só quem perdoa pode por si difundir a paz e depois, ressuscitar, cumprimentar com Shalom!

Pensemos o quanto foi difícil para Jesus: Ele suou sangue! Paz é conquista, caminho, compromisso.

Mas seria um problema se alguém pensasse que isso era único e simplesmente fruto dos seus (nossos) esforços humanos ou resultado do seu (nosso) voluntarismo titânico. Eles escolheram juntos a Paz: Pai, Filho e Espírito Santo.

“Made in cielo” (Dom Tonino Bello) A paz é uma escolha baseada num dom que vem do céu.

Em comunhão.

Qual é então o papel dos operadores de paz? A de não rejeitar o dom ao remetente. **Trata-se, em particular, de tornar este dom de Deus atual e acessível a todos.**

Deixe-me explicar com uma imagem.

Jesus desceu à terra atormentada pela sede. Com a sua cruz, plantada no Calvário como uma broca, cavou um poço de água muito gelada. Depois de ressuscitar, Jesus entregou este poço aos homens dizendo: «*Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz*» (Jo 14,27).

Agora cabe a nós tirar a água da paz para saciar a sede na terra. Temos a tarefa de trazê-la à superfície, de canalizá-la, de protegê-la da poluição, de fazê-la chegar a todos.

A paz, portanto, é um dom. Na verdade, é "per-dono". Um dom "para". Um dom multiplicado. Um dom de Deus que, quando chega ao destinatário, traz também o "con-dono" do irmão.

E aqui a discussão se torna muito concreta.

**Como podemos dizer palavras de paz se não sabemos perdoar?** Novamente há um trabalho íntimo e pessoal a ser escolhido.

Para testemunhar é necessária coerência entre o que falamos e o que fazemos. Caso contrário, fazemos o papel de crianças birrentas, pretendemos ser credivéis baseando-nos em leis escritas e publicadas, enquanto

concretamente no nosso quotidiano prevalece a lógica do mundo, a de “levar dentro di si raiva do outro”.

Uma coisa é compreender a lógica do “meio de intimidação” míssil por míssil e como este rege as relações entre os Estados, outra coisa é começar a pensar em sair dos esquemas do “*olho por olho e dente por dente*” e perguntarmos a Jesus como fazemos, nos nossos conflitos cotidianos, a sermos e comportarmos de uma maneira diferente.

Fazermos com Ele ou para Ele.

**Só quem perdoa pode, como ressuscitado, falar de paz.**

Não seríamos convincentes se não estivéssemos dispostos a esse desarmamento unilateral e incondicional de Jesus que se chama “perdão”. É tirar o manto que falava anteriormente! Vamos iniciar daqui! Então também será legítimo teorizar sobre a não-violência ou falar sobre o diálogo entre os povos ou amaldiçoar sinceramente a guerra.

## **A como ARTE**

Dom Tonino Bello disse: «*A não-violência ainda é uma cultura fraca*», mas «*a paz é uma arte que se aprende*».

E a arte é um itinerário educativo permanente. Respeitando os quatro pilares da Pax Christi, é possível implementá-la como busca da *verdade*, sopro de *liberdade*, fome e sede de *justiça*, poder do *amor* ou “convívio das

diferenças” que tem as suas raízes no mistério trinitário: igualdade, diferença, relações.

‘Todos iguais, todos diferentes, todos se relacionando.

E cada um pode fazer alguma coisa.

Isto, talvez, seja o que nos falta e deve ser procurado e desejado: **despertar a nova confiança na possibilidade de mudança**; sentir a paz não apenas como um dever, mas como um prazer de viver juntos como membros da família humana; viver a paz não apenas como uma luta persistente, por vezes demasiado assustadora, *mas como um movimento de amizade libertadora*, como um compromisso alimentado pela sabedoria do sorriso. A paz é uma arte que deve ser praticada, que nos permite verdadeiramente, **de uma forma nova, ser artesãos de uma cultura da Providência** que manifesta a beleza e a verdade de um Deus que é Pai, e que podemos continuar a anunciar ainda hoje, com varios modos e linguajares novos, custe o que custar.

## **C como CRUZ**

Jesus pregado indica o sofrimento da cruz que, como dizia São Paulo, é «*escândalo para os judeus e loucura para os gentios*» (1Cor 1,23).

A cruz pessoal de Jesus, e a cruz de todos nós, porque todos somos chamados a dar a nossa contribuição de sangue, torna-se afluente do grande rio que nasce do Gólgota e que alimenta a economia coberta da salvação. Sentir-se livre e estar com Jesus, em Jesus, só acontece

graças à comunhão com o Pai e graças ao Espírito Santo. É impossível para nós sozinhos.

A cruz abraçada por amor é uma loucura e uma estupidez para o mundo. No entanto, esse “estar” muda a nós e ao mundo.

Aí com a cruz, a sua e a nossa cruz, tem pouco que brincar, porque nos encontramos frente a frente com o medo, a angústia e enfim com a morte.

No entanto, existe salvação ali.

É difícil explicá-lo e é um Mistério que não se compreende ficando longe dele, é preciso experimentá-la, a cruz.

Aquela espécie de “Fundo de Depósitos e Empréstimos” que é **a economia da salvação**, da qual o Senhor tem para vir ao encontro da salvação do mundo, para libertação do mundo, este fundo comum de graça, de misericórdia e de força que muda o destino do mundo, transformando a fraqueza em audácia e a derrota certa em vitória, também nós o alimentamos com o nosso sofrimento físico, com o nosso choro, com as nossas lágrimas, com a nossa dor.

O poeta dinamarquês Hans Christian Andersen disse que *“no céu, não sei em que ponto do firmamento, existe uma estrela na qual o Pai Eterno guarda num porta-joias todas as lágrimas dos homens, porque as lágrimas não são inúteis. Essas lágrimas são as nossas, das pessoas, da criação, que alimentam o fundo do qual Deus tira”*.

A criação, na sua humanidade, é esmagada pelos faraós de todos os tempos, fiquemos longe.

A cultura do compromisso com o mal nunca poderá encontrar mediação com a cultura do artesão da Divina Providência. **A escolha do campo não permite compromissos.**

As diversas situações internacionais, os massacres, os espetáculos da fome passam diante dos nossos olhos como sarjetas inconsumíveis pelo fluxo do mar de dor. Uma enormidade de injustiças diante das quais humanamente sentimos que estamos sucumbindo.

Esta tentação de pensar até nas piores situações sem resultado podem ser superadas com Jesus e em Jesus.

Mas é o contexto pessoal de escolha que faz a diferença no campo de atuação. Porque estar nas dores da cruz permite-nos encontrar a coerência da lógica de Deus: descartamos a do mundo e ocupamo-nos porque nos sentimos chamados a servir. Servir para despregar da cruz os pobres que passam por nós derrotados, dilacerados, mortos e sangrando até a morte. Aqui não faltará dor, mas a coragem e a força serão abundantes.

## **E como ÊXODO**

Devemos deixar para trás as riquezas, algo com o qual não estamos acostumados até mesmo na Igreja. O Novo Testamento, e em particular o livro dos Atos dos Apóstolos, fala claramente: “*Venderam e deram aos pobres*” (cf. At 2,44-45; At 4,32). Jesus também diz: “*Vá, venda o que você tem, dê aos pobres, venha, siga-me*” (Mc 10,21).

Mas Jesus não pede uma libertação insensata dos valores que nos são dados para administrar, mas sim um uso destes com Ele segundo a sua finalidade.

Quando digo **“deixar a riqueza”** quero dizer sobretudo **deixar o poder**, a vontade de dominar, que é também o poder sobre as consciências, sobre os pobres, sobre os nossos assistidos, sobre aqueles que colaboram conosco. Isto vale também para nós, religiosos e religiosas, que exercemos um poder moral, e vale para qualquer um que exerce ação governamental, na gestão de recursos materiais e ainda mais humanos. Devemos ter cuidado, ter a atenção decidida e delicada de Jesus.

Para que isso seja possível, porém, **Jesus deve deixar de ser um conceito ou um simples exemplo a seguir, mas tornar-se uma relação vital**, devemos falar com Ele e dialogar com Ele, decidir o que fazer.

Este diálogo exige um verdadeiro êxodo, exige deixar para trás uma religiosidade feita de preceitos e de uma moral que se veste conforme a ocasião: *“depois de deixar a roupa, pegou o avental”*.

Nós devemos, portanto, fazer um esforço de despir-se: tirar a roupa. De fato, só revestindo-nos de Jesus Cristo poderemos abençoá-lo e glorificá-lo junto dos outros e daqueles que nos são próximos.

Encontramos sempre algo interessante no Evangelho de João: “Depois de lhes lavar os pés, pegou suas vestes e tornou a sentar-se...” (Jo 13,12) quando nos diz que Jesus pegou as suas vestes, mas não diz que tirou o

avental. Não é um “esquecimento”: **esse avental terá que se tornar o nosso verdadeiro uniforme, o nosso verdadeiro distintivo.**

O êxodo das atitudes lógicas ou dos preceitos confortáveis permite-nos sair da ambiguidade: tornamo-nos coerentes com a coerência de Jesus. Podemos acolher, compreender, mediar, mas nunca acordos, nunca ligações com o poder, nunca procurar a riqueza, nunca se deixar levar da mentira de serem necessários. E se fossem necessárias evidências mais convincentes, a medida do que somos e do que possuímos fica clara para nós se observarmos a nossa morte física.

Recomendo a todos que sejamos como Jesus, filhos e filhas humildes que administram os dons recebidos do Pai e devolvam tudo ao Pai porque tudo veio dEle.

Portanto a nossa Obra, não por cálculo ou oportunismo, mas **por vocação**, deve viver nos porões da História e não nos palácios dos poderosos, deve tirar a armadura de Saul para pegar a funda de David. Devemos descobrir a incrível força da não-violência!

Como Família Calabriana não somos chamados a competir com os outros. Evitemos vestir-nos com sinais do poder.

**Temos o poder dos sinais, não os sinais do poder.**

No entanto, **prestemos atenção ao risco dos delírios da onipotência:** gostaríamos de resolver os problemas de todos aqueles que caíram no vício, de todos os marginalizados, de todas as prostitutas, de todos os despejados, de todos os migrantes, de todos os

o doente; mas se pretendêssemos resolver o problema de todos, teríamos os sinais do poder sobre nós. Não somos chamados a resolver os problemas da marginalização, da injustiça, da fragilidade, mas temos o poder de colocar sinais nos caminhos rápidas por onde as pessoas passam; os sinais de Jesus, sinais de partilha, de pobreza, de bênção.

Traga os sem-teto para dentro de sua casa, alimente os famintos, participe da vida dos mais pobres, não se esqueça dos que estão sozinhos... Essas são as ações que encontramos no Evangelho de Mateus no capítulo. 25 *“Tive fome e vocês me deram de comer, tive sede e vocês me deram de beber, eu era estrangeiro e vocês me acolheram, estava nu e vocês me vestiram, eu estava doente e vocês me visitaram, eu estava na prisão e vocês vieram me visitar...”* e foi isso também que fez o jovem clérigo Giovanni Calabria.

Sem cálculo. Sem recursos.

## **Sinal.**

Nem mesmo Jesus não resolveu o problema de todos os marginalizados do seu tempo, não ressuscitou todos os mortos, nem todos os leprosos foram curados e nem todos os epiléticos foram curados: apenas alguns, porque caso contrário Ele mesmo teria tido os sinais de poder sobre seus ombros.

O Senhor faz-nos compreender que não podemos resolver todas as injustiças, mas podemos colocar sinais de esperança, acender luzes, tocar sinos. **Nós, como**

## **Família Calabriana, como Família Carismática, somos chamados a ser isto: tocar os sinos.**

Por isso, gostaria de dizer-vos que não vos angustieis se nos sentirmos desamparados diante das ondas de violência e injustiça, principalmente quando vivenciamos a solidão, a impossibilidade de nos comunicarmos com os outros e temos que guardar tudo dentro de nós. Jesus não nos libertou de todos os nossos condicionamentos, de toda a nossa pobreza e miséria; ele os carrega nos ombros e podemos compartilhá-los com Ele. Agora podemos caminhar com Ele, falar com Ele: morar no Reino.

“Êxodo”, em conclusão, significa deixar para trás as riquezas, deixar para trás as brigas, as certezas, a capacidade que conforta, deixar para trás as roupas e vestir-se com o avental. Procuremos, como disse Dom Primo Mazzolari, **aprender a ser todos homens e mulheres “de” paz e não “em” paz!!!...**

## **7 - GERMES de PAZ**

Queridos irmãos, queridas irmãs, a Paz de Cristo é um dom e é um caminho de vida interior que se concretiza em escolhas e ações coerentes com Ele; que ele permaneça sempre firme e que nasça em todos o desejo de falar com Ele, de ser para Ele, com Ele, Nele.

Como Família Calabriana, Família da Divina Providência que se desdobra em nossas vidas com infinitas maneiras e com infinita imaginação, se desvende em nossas vidas, faço um apelo, chamo atenção, no final deste percurso, sobre o risco da espera.

### **O que esperar então, para um futuro de paz?**

Quando crianças, essa pergunta nem passou pela nossa cabeça, nem perturbou o nosso coração. O adulto, por outro lado, que age, tem coração, mente e espírito inquietos e está continuamente em busca de mudanças.

A figura do velho, descrita no livro “O homem que plantava árvores” de Jean Giono, ajuda-nos a encontrar uma resposta e dá uma solução sobre como gerir o que nos perturba e evitar ser agitado por outra coisa **que não seja uma preocupação saudável para o Reino.**

Também de nós deveriam dizer§ *“Ele era um atleta de Deus”.*

Por onde tenha passado aquela pessoa *“Era já um lugar onde tinha vontade de morar. (...) Lázaro quase já tinha saído do túmulo.”*

Espero sinceramente que esta história possa, de alguma forma, ser uma metáfora para o crescimento silencioso, mas inexorável, da Paz dentro de nós e nos contextos em que vivemos.

Se uma pessoa afirma persegui-la sozinha, com a sua determinação feroz de querer mudar a si mesma e ao

mundo em que vive, ela planta sementes que com muito esforço chegarão a dar frutos.

“Eu plantei, Apolo regou, mas foi Deus quem fez crescer. Portanto, nem quem planta nem quem rega vale alguma coisa, mas somente Deus, que faz crescer.” (1Cor 3,6-7)

Na verdade, a germinação das sementes é inevitável e impossível de forçar, as árvores começam a crescer, cresceram e começaram a criar um novo mundo à sua volta, a puxar água para a superfície, a dissolver a raiva, os medos, a feiúra e a levar gotas de felicidade, para serem eles mesmos vida.

Desejo que cada um de nós seja um desses brotos, que guarda dentro de si a esperança do agricultor que o plantou, que hospede a sua proposta – firmeza – decisão determinação.

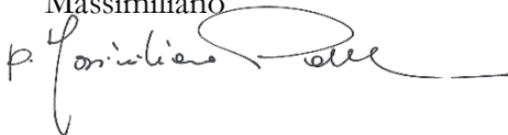
Aprendemos a determinação pela Vida, apesar da aridez que se percebe ao nosso redor e dentro de nós, com a certeza de que um dia a Paz existirá e que temos contribuído para a chegada desse dia. Um dia em que olharemos para cima com os olhos, para vermos aquele Volto e ouviremos com os ouvidos o som da Sua Voz nos dizendo:

**Shalom!**

Em nome de Jesus vos  
abençoo!

Vosso irmão e padre

Massimiliano

A handwritten signature in black ink, starting with a large 'P' and ending with a long horizontal stroke.

*Verona,*

26 de novembro de 2023

*Festa de N.S. Jesus Cristo, Rei do Universo.*

*Aniversário da Obra*

*Impressão concluída em novembro de 2023*

*San Zeno in Monte - VERONA*



POVERI·SERVI  
DELLA·DIVINA  
PROVVIDENZA